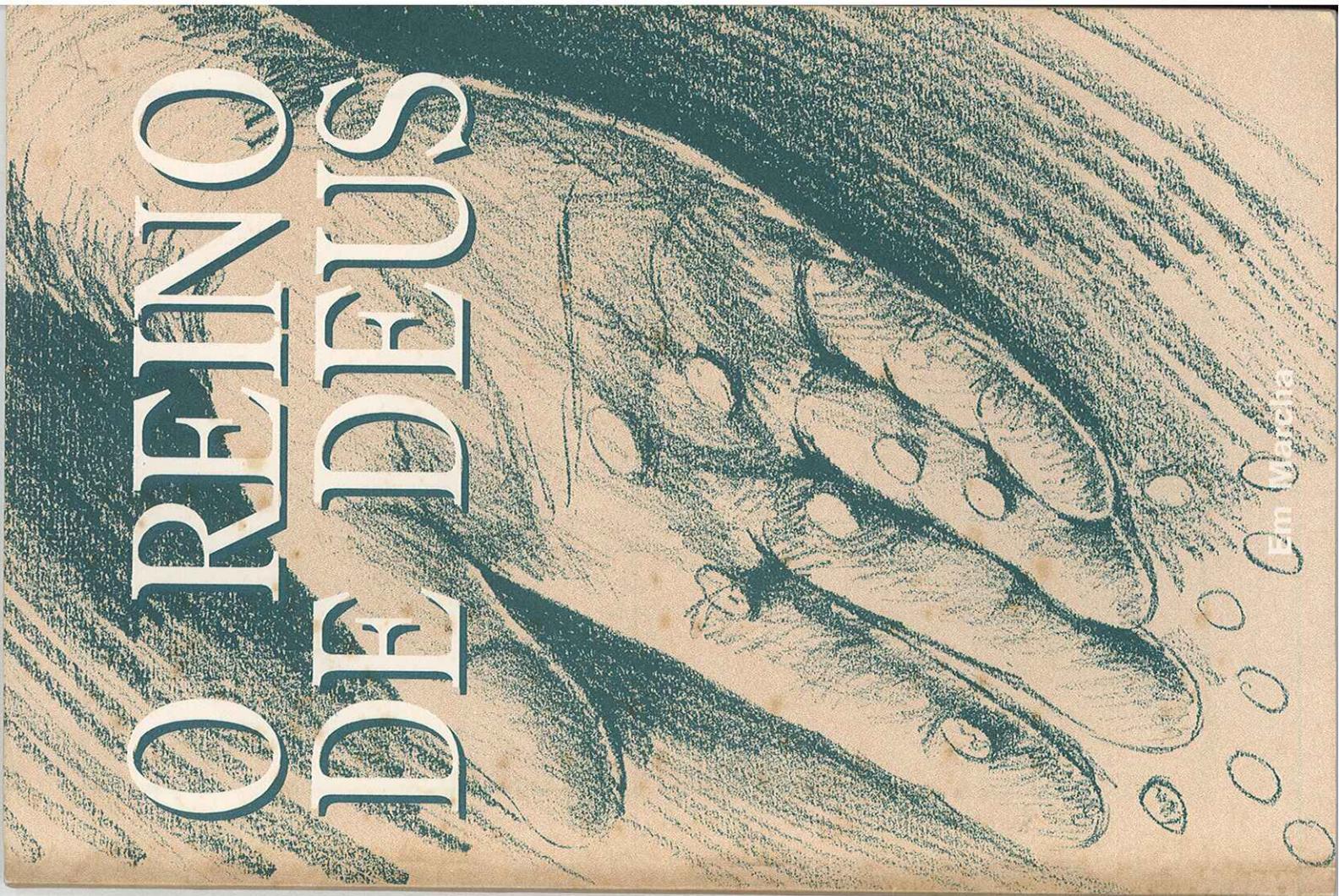


ORFENO DE DFEUS

Em Marcha



O REINO DE DEUS

Copyright — Imprensa Metodista

1ª edição — 1985

2ª edição — 1991

3ª edição — 1993

Todos os direitos reservados pela Lei 5988 de 14/12/73

Secretário Executivo Editorial
Aluisio Faria de Siqueira

Secretário de Administração e Finanças
Renato Soares Fleischer

Departamento de Arte:

Coordenação: Juciene Carrapeiro

Composição: Maria Zélia Firmino de Sá

Arte: Ana Maria Góes

Revisão: Cristina Paixão Lopes

1933

IMPRENSA METODISTA

R. Vigário João de Pontes, 766

04748-000 — Chácara Flora — SP

Fones: (011) 523-9622 e (011) 247-5288

Fax: (011) 521-2825

APRESENTAÇÃO

Esta revista foi lançada pela primeira vez em 85 através da série Cruz de Malta, quando a redatora era Regina Coeli Weber. Devido a grande aceitação da revista na época, e tendo sua edição esgotada, resolvemos reeditá-la.

Agradecemos a colaboração do pastor Luiz Cardoso (Uruguaiana-RS) pelo trabalho de adaptação e atualização desta nova edição.

O objetivo desta revista é destacar para você, leitor, alguns momentos importantes da História da Salvação. Os estudos mostram a intervenção salvífica de Deus e como o ser humano respondeu a estas intervenções.

A revista está dividida em quatro grandes temas: "O Sonho de Deus e a Resposta Humana"; "Jesus Retoma o Tema do Reino de Deus"; "Os Profetas"; e "Visões do Reino".

Ao estudar esta revista você, certamente, conhecerá muito mais o que significa a expressão *Reino de Deus*. Nosso objetivo, como Editora Metodista, é educar as pessoas tendo como propósito (símbolo) o Reino de Deus.

Venha o Teu Reino

Texto Bíblico Fundamental: Lucas 22.39-46

O reino: Uma realidade a ser experimentada e vivida ou apenas um sonho?

O reino de Deus é um tipo de utopia espiritual, uma “Ilha da Fantasia” celestial ou é algo que deve figurar na experiência humana? Jesus falou muito do Reino de Deus. Foi o tema que ele mais abordou em sua pregação e nos seus ensinamentos no seu ministério terreno. Um exame cuidadoso revela que Jesus considerou o reino como algo viável e realista. Ele não instruiu seus seguidores a sonharem com o reino apenas; ensinou-lhes a orar assim: “Venha o teu reino”. Esta petição indica que Jesus acreditava no reino, tinha certeza da sua realização e que ele esperava a dedicação dos fiéis no sentido de colaborarem com o reino já vivenciando esta realidade.

A própria vida de Jesus é prova disso. Jesus orou a favor do reino, trabalhou, lutou contra os impedimentos e obstáculos, viveu, morreu e ressuscitou pelos princípios do reino. O Mestre não somente ministrou aulas a respeito do Reino; ele viveu a realidade do reino. Talvez a “aula” mais marcante sobre o Reino não tenha ocorrido no momento em que ensinou aos seus discípulos a orarem “Venha o teu reino”. Talvez a aula mais memorável tenha sido no Getsêmane quando em agonia Jesus orou “Seja feita a tua vontade e não a minha” (Lc 22.39-46). O Reino é isto: buscar a Deus e seus propósitos antes de tudo. É viver de acordo com a vontade de Deus e aceitar sua soberania em tudo.

O que significa orar “Venha o teu reino”?

Significa que aceitamos o fato de que Deus é o Senhor dos céus e da terra.



Na qualidade de soberano Ele tem propósitos para a terra e tudo que nela há. Acreditamos que estes propósitos sejam os melhores para nós. Quem ora “Venha o teu reino” afirma sua disposição de colaborar com Deus na implantação destes propósitos aqui na terra, reconhecendo que o reinado do Senhor dos senhores é a melhor opção para nossa terra.

Significa também que esperamos em Deus a realização dos seus propósitos. Cremos que os reinos deste mundo passarão a ser o Reino do nosso Pai e Ele reinará para sempre. Quem ora “Venha o teu reino” está professando sua fé no reinado do Senhor.

E esta fé não fica de braços cruzados, esperando passivamente por um evento futuro. É uma fé ativa que participa naquilo que espera. O verbo **esperar** tem dois sentidos: aguardar a passagem do tempo (esperar numa fila, esperar um prazo de tanto tempo) e ter esperança, contar com algo, acreditar na realização.

Imaginemos duas equipes esperando um campeonato. Uma equipe simplesmente aguarda o evento sabendo que em seis meses a competição acontecerá. Jogadores, técnicos e torcida apenas esperam o tempo passar e na época certa a equipe se inscreve para a competição. A outra equipe se movimenta, os técnicos preparam sua estratégia, os jogadores se concentram em treinamento sério, todos cuidam do preparo físico e psicológico e a torcida se movimenta. Há grande esperança em torno da possibilidade da equipe participar. Há esperança de ganhar a taça. Esta equipe “espera” em esperança e em participação ativa. O cristão que ora “Venha o teu reino” espera a concretização com o mesmo espírito de entusiasmo, participação ativa e envolvimento sério. O cristão espera a concretização do Reino não com braços cruzados, mas com mangas arregaçadas, com corações cheios de expectativa e com vontade de participar de corpo e alma nos propósitos de Deus, agora e para sempre.

Para reflexão em grupo

1. Examinar novamente a experiência de Jesus na pregação na sinagoga de Nazaré (Lc 4:16-30). Jesus, o convidado especial, fez a leitura do texto. Parece que a simples leitura do texto não provocou qualquer reação. O tumulto começou quando Jesus afirmou que naquele dia se cumpriria aquela escritura. O sermão é só para ouvir e curtir ou é para ser cumprido? A leitura é só para meditar, contemplar e pensar ou deve levar a uma ação, um compromisso? Que implicações haveria para você, a Igreja ou para o país se estas escrituras se cumprissem hoje?

2. Considerar o verbo **esperar** nos dois sentidos mencionados no texto do estudo. Qual sentido é mais evidente hoje em torno do Reino? O que é mais comum: pessoas simplesmente aguardando o tempo, esperando Deus estabelecer o Reino em algum tempo futuro ou pessoas cheias de esperança, acreditando na realidade do Reino e trabalhando ativamente neste sentido de fé e esperança? Como você se posiciona no momento?

3. Trocar idéias sobre a programação da sua igreja local. Qual a tendência predominante, interpretar as atividades da igreja como um lugar de refúgio espiritual onde se medita, estuda e ouve, ou um lugar onde se apresentam desafios, onde se assumem compromissos e onde é possível trabalhar pelo Reino?



O Reino de Deus é Chegado

Texto Bíblico Fundamental: Marcos 1.14-15

Diversas traduções - uma idéia (Marcos 1.15)

“O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo” (Almeida, Revista e Atualizada).

“Chegou a hora, e o Reino de Deus está perto” (Linguagem de Hoje).

“Finalmente chegou o tempo! O Reino de Deus está próximo (O Novo Testamento Vivo).

“O tempo está realizado e o Reino de Deus está próximo” (Bíblia de Jerusalém).

“Pois que o tempo está cumprido, e se aproxima o Reino de Deus” (Mato Soares).

Estas diversas traduções nos dizem que o tempo está cumprido, realizado; os tempos alcançaram sua plenitude. Sendo assim, o Reino de Deus está próximo, realizado, concretizado; o Reino é uma realidade presente e concreta.

Os sinais do reino: Causas e efeitos

João Batista queria uma certeza sobre a missão de Jesus. Seria Jesus aquele que estava para chegar ou seria necessário esperar um outro? Jesus ofereceu uma resposta verbal direta. Pedeu que os mensageiros relatassem os sinais a João. Não há muita distinção entre causa e efeito. As curas, os diversos ministérios em benefício dos necessitados, a proclamação do Evangelho aos pobres, a ressurreição dos mortos e as

curas eram sinais concretos de que o Reino de Deus era uma realidade visível no meio do povo. Por outro lado, pode-se dizer que com a chegada do Reino de Deus, estes sinais começaram a acontecer (Lucas 7. 18-23).

Alguns criticaram o ministério terreno de Jesus alegando que Ele agia pelo poder de Belzebu, o maioral dos demônios. Jesus respondeu usando o argumento de que se Ele mesmo estivesse expulsando os demônios com o poder do próprio demônio, seria uma casa dividida com seus dias contados. Prosseguindo no raciocínio, declarou que se Ele estivesse expulsando estes demônios pelo poder de Deus seria um sinal de que certamente o Reino de Deus estaria se concretizando. Os sinais seriam provas da realidade do Reino. Ao mesmo tempo, a presença e a realidade do reino se fariam acompanhar por sinais como estes.

A resposta humana: o arrependimento

Jesus anunciou a chegada do Reino. Tal proclamação não pode ser recebida passivamente. Exige uma resposta humana. Qual seria a resposta mais adequada? As escrituras indicam que a resposta mais adequada é a do arrependimento. Diante da proclamação do Reino, ninguém é convidado a ficar de lado aplaudindo, apoiando e nem pedindo lugares de privilégio e cargos importantes neste Reino. A proclamação da chegada do Reino vem acompanhada da advertência e do convite/desafio: arrependei-vos. O arrependimento é a resposta adequada e necessária. O rev. Lawrence A. Brown diz no seu livro **Amor Dinâmico** o seguinte sobre o arrependimento: “Sentir tristeza por termos sido apanhados em flagrante, não é arrependimento. Ter uma imagem de um Deus *carrasco* leva ao medo, não ao verdadeiro arrependimento. Sentir-se triste por sofrer pelos erros não é arrependimento, e mesmo que se renuncie ao mal por medo do castigo, isto não é arrependimento. Quantas pessoas que se arrependeram ao pensarem que iam morrer, voltaram aos maus caminhos depois de curados (ver **II Pedro 2.22**)?”

“O verdadeiro arrependimento, baseado no amor e na justiça de Deus, nos leva a abandonar os maus caminhos, mesmo em pleno vigor de vida e, nos casos de vícios formados, a tentar tudo para abandoná-los.

“Conscientes da justiça, do amor e da presença de Deus na vida, nós nos tornaremos cada vez mais conscientes e convictos da missão de Deus entre os homens e de sermos co-participantes desta com ele”.

Recebendo o Reino (Mc 10.13-16)

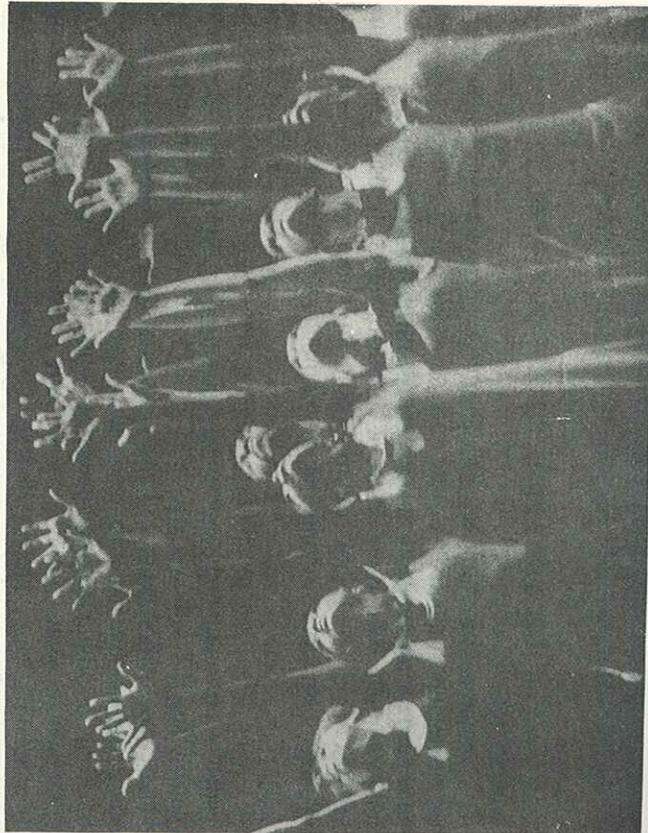
Geralmente os adultos têm mania de complicar as coisas; gostam de muitas explicações, bem fundamentadas e complexas, muitas vezes até

desnecessárias; a palavra de Jesus acerca do Reino é de que precisamos recebê-lo como uma criança. A criança é simples (não uma simplicidade ingênua), meiga, humilde, amiga, espontânea, sem malícia. Jesus as via como verdadeiros cidadãos(ãs) do Reino (v. 14).

Para alcançarmos o Reino é necessário assumir e desenvolver essas qualidades, a fim de que através delas possamos ter harmonia com Deus, com o nosso próximo e com a totalidade da criação (natureza).

Para reflexão em grupo

1. Hoje em dia verificam-se sinais do Reino? Onde? Quem está gerando estes sinais? Os fiéis estão produzindo estes sinais? Como podemos produzi-los?
2. Citar alguns sinais do Reino produzidos em sua congregação ou na vida de cada um dos(as) participantes do grupo de estudo. O que mais, além disso, poderíamos fazer?
3. Observar a ação das crianças e apontar os sinais do Reino que elas estão produzindo: Como podemos transpô-los para nossas vidas?



As Parábolas do Reino

Texto Bíblico Fundamental: Mateus 13.31-33

Como é o Reino de Deus?

A resposta não pode ser dada de forma direta e simples. Jesus usou várias parábolas para nos orientar na busca da resposta. As parábolas são usadas para ensinar e estimular a reflexão e a ação. As parábolas não trazem respostas prontas para perguntas fechadas. Elas provocam reflexões, abrem caminhos, sugerem outras perguntas e estimulam um exame mais profundo do assunto. Para orientar sobre a natureza do Reino de Deus, Jesus não apresentou respostas superficiais e simplistas. Deixou uma série de parábolas para estimular o estudo e a reflexão sobre o assunto. Ninguém vai dominar completamente o assunto e chegar ao ponto de compreender tudo sobre o Reino de Deus. Todavia, as parábolas de Jesus sugerem idéias, conceitos e verdades que são valiosos para a caminhada na direção de compreender algo mais sobre o Reino.

Algumas idéias presentes nas parábolas do Reino.

Por vezes o trabalho do Reino é feito sem alarde, sem a necessidade de manifestações externas. Coisas aparentemente pequenas podem produzir grandes resultados (Mt 13.31-33).

O preço da participação no Reino é elevado, mas vale a pena. Exige uma dedicação total, mas a compensação também é grande. A preciosidade do Reino vale muito mais que o preço exigido na forma de dedicação (Mt 13.44-46).

O convite para entrar no Reino é oferecido com amor e com a maior consideração. Contudo, é preciso honrar o convite e corresponder à bondade de Deus e aceitar, com fé, este ato gracioso. A não aceitação do

convite implica em perder a oportunidade oferecida em graça (Mt 22.1-14 e Lc 14.15-24).

Existe uma certa inclusividade no Reino: o convite é oferecido a todos. É como uma grande rede que, lançada ao mar, recolhe peixes de toda espécie. No Reino existe um nível bem elevado de tolerância. Não se exige uniformidade de costumes e nem de estilo de trabalho. É possível que pessoas que nem pertenciam ao chamado grupo de fiéis sejam consideradas colaboradoras.

Aquele que não esteja atrapalhando diretamente o trabalho pode ser considerado favorável. Jesus disse: "Quem não é contra nós, é por nós" (ver Mc 9.40). Ele falou que era preciso ser "como nós" ou "semelhante a nós" ou "pensando como nós". O nível de tolerância era bem elevado.

A inclusividade do Reino é demonstrada também pela figura de um convite que um homem importante mandou a muitos. Quando os primeiros convidados não aceitaram, a ordem foi a de ampliar o convite e incluir as multidões, criando um ambiente de inclusividade sem precedentes para uma festa desta natureza.

todavia, junto com esta atitude de inclusividade, vem uma atitude de seletividade bem rigorosa. A rede que foi lançada ao mar colheu toda espécie de peixes. Até certo ponto vale o ditado popular "tudo que cair na rede é peixe". No entanto, mais tarde houve uma seleção. Uns serviam e outros não. E mesmo o homem que ampliou o generoso convite para incluir os que foram encontrados nas encruzilhadas e nas estradas (os maus e os bons), no decorrer da festa mandou expulsar um que não soube honrar o convite (ver Mt 13.47-50; Mc 9.38-40; Lc 14.15-33 e Mt 22.1-14). O Reino combina os aspectos de inclusividade e seletividade. É como duas estradas ou duas portas. Poucos acertam o caminho mais estreito (Mt 7.13-14 e Lc 13.24). O Reino fala de um convite bem generoso que inclui todos (muitos são chamados), mas também fala de uma exclusividade pela própria exigência que nem todos aceitam (mas poucos escolhidos). (ver Mt 22.14).

O Reino fala de vigilância. Jesus exortou seus seguidores dizendo que era necessário permanecer em contínua prontidão. A hora de prestar contas pode ser a qualquer momento. A parábola da figueira nos lembra que precisamos discernir os sinais que indicam que o tempo está próximo, e a parábola das dez moças demonstra a prudência de se estar alerta, preparado, e a tolice da negligência ou procrastinação (Mt 24.44; Lc 13.28-37; Lc 21.29-36 e Mt 25.1-13).

No Reino, haverá uma separação, mas compete a Deus, e não ao ser humano, realizar este julgamento. Na parábola do joio e do trigo, os servos queriam adiantar o expediente e arrancar o joio que crescia em meio ao trigo. O Senhor não deixou, preferindo aguardar a ceifa, cortar tudo, para depois separar. Julgamentos humanos podem atrapalhar mais do que

ajudar. No Reino, quem julga é Deus e no seu tempo próprio, de acordo com seus próprios critérios. Parece que a parábola do joio e do trigo tem muito a ver com os ensinamentos de Jesus sobre o juízo temerário (comparar Mt 13.24-30 e Mt 7.1-5).

Quem entrará no Reino dos céus? Haverá muitas surpresas. Na linguagem popular haverá muitas "zebras". Muitos que se julgam dentro, descobrirão que estão fora do Reino, enquanto outros terão a grata surpresa de descobrir que participavam do Reino sem ter consciência disso (ver Mt 25.31-46).

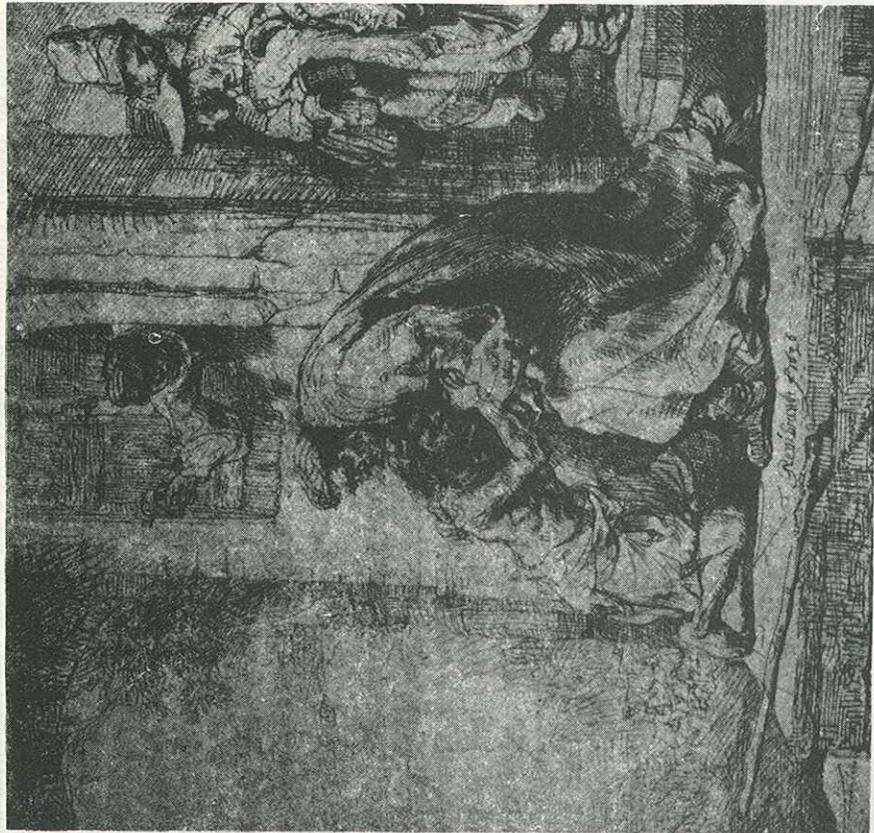
As várias parábolas e diversos ensinamentos sobre o Reino deixam bem claros estes pontos: (1) Deus é o juiz final de quem entra e quem não entra no Reino. (2) Propósitos e atitudes concretas pesam mais do que aparências externas.

O samaritano que mostrou amor para com seu semelhante participou do Reino, enquanto um sacerdote e um levita (pertencentes ao chamado povo escolhido) perderam de vista a natureza daquilo que Jesus veio proclamar e realizar (ver Lc 10.25-37). Um malfeitor se arrependeu e, na última hora da sua vida, aceitou a graça de Deus. O outro, não (Lc 23.39-42). Na parábola do filho pródigo, o currículo do filho mais velho parece ser mais "limpo" e mais digno de atenção do que o do filho mais moço. Contudo, quem entrou no Reino foi o filho mais moço, enquanto o mais velho, pela dureza do seu coração, não pôde receber o que o pai ofereceu. O filho pródigo recebeu pela fé e mediante um verdadeiro arrependimento. O filho mais velho perdeu por falta desta fé e do espírito de receber a dávida bondosa do pai. Jesus falou de surpresas a respeito dos participantes do Reino.

Entre aqueles que ocupam lugares de destaque na organização eclesial, alguns ficarão escandalizados. Descobrirão que meretrizes e publicanos os precederão na entrada do Reino (Mt 21.31). Já seria demais os líderes religiosos aceitarem o fato de que gente desta natureza participa do Reino, mas seria impossível concebê-la puxando a fila precedendo os nomes de grande destaque na organização eclesial.

Um coração reto, um espírito de verdadeiro arrependimento e a aceitação da graça de Deus valem muito mais do que cerimônias religiosas e práticas externas da fé. Sendo assim, as crianças têm lugar especial no Reino e Jesus chegou ao ponto de declarar que ninguém conseguirá participar do Reino a não ser que receba a dádiva de Deus com o espírito espontâneo e aberto que caracteriza a criança (Mc 10.13-16). O Reino não pertence aos ambiciosos que almejam elevados cargos para dominar os outros. O maior do Reino é aquele que se faz servo de todos (Mt 20.20-28).

1. Qual destas parábolas do Reino mais os impressionou? Por que?
2. O grupo local está preparado para participar do Reino no sentido da vigilância conforme os ensinamentos de Jesus? Que evidências vocês apontam para comprovar esta vigilância? Se pensam que o grupo não se importa com o ensino da vigilância, o que fazer para alertar e corrigir esta falha?
3. Vocês estão preparados para algumas possíveis surpresas ou “zebras” quanto à participação no Reino? Será que o fato do nosso nome estar no rol da Igreja significa que estamos no rol dos que participam do Reino de Deus? O que podemos fazer para estar no rol do Reino?



As Bem-Aventuranças

Texto Bíblico Fundamental: Mateus 5.1-12

Como é o cidadão do Reino de Deus?

Quando se trata da cidadania de uma nação ou de outra, a questão é resolvida em termos do lugar do nascimento ou por um processo de naturalização. A pessoa nascida em um determinado território ou país, adquire a cidadania automaticamente. Também é possível passar por um processo de naturalização para adquirir a cidadania. Jesus considerou a questão da cidadania no Reino sob um ângulo diferente. Os judeus tradicionais julgavam-se “cidadãos do Reino” por serem descendentes de Abraão e herdeiros da promessa da aliança. Jesus foi mais a fundo na questão e falou de atitudes que caracterizam o cidadão do Reino. As bem-aventuranças descrevem estas atitudes que marcam e identificam o cidadão do Reino.

Ao examinar estas características, a sociedade em geral classifica estas atitudes como sendo as de pessoas fracas e sem expressão em um mundo real como o nosso. Os humildes de espírito? Os mais espertos os engolem num instante! Os que choram? Só os fracos e os desesperados choram! Os fortes lutam e conseguem o que querem! Os mansos? Os concorrentes pisam neles e os passam para trás! Ter fome e sede de justiça? Bom é ter tudo que se deseja e lutar para que isto aconteça! Os limpos de coração? A gente precisa ser realista; ninguém é perfeito e é preciso saber como fazer as coisas com um bom jogo de cintura! Pacificadores? O mundo pertence aos mais fortes e àqueles que têm armas mais poderosas para impor sua vontade! Ser perseguido nunca pode ser “uma boa”! Cada um tem que se defender como pode para evitar a perseguição!

Estas são as idéias mais comuns em torno do assunto. Contudo, Jesus veio trazer conceitos bem diferentes.

O cidadão do Reino desenvolveria atitudes refletindo outros valores. Examinemos estes valores que se encontram nas bem-aventuranças.

Os humildes de espírito (v. 3) - Estes são abençoados e felizes porque aprenderam a depender de Deus e confiar na Sua bondade e misericórdia. Sabem que o Senhor se importa com eles, embora os demais os possam desprezar, diminuir e oprimir. Para muitos, o acúmulo de bens materiais e a corrida desenfreada pelo poder tornam-se obstáculos no caminho. Os humildes de espírito não têm tais obstáculos e por isso podem receber, com fé, o Reino que Deus oferece a todos.

Os que choram (v. 4) - A bênção prometida não é para todo e qualquer um que chore. É uma consolação prometida aos que choram pelos pecados que oprimem seus espíritos (deles e dos outros) porque dentro da misericórdia e da graça de Deus há perdão e alívio para os arrependidos e os contritos. Aqueles que aceitam a tristeza como fato inegável da vida e aprendem com ela, crescem por causa destas experiências e aceitam os desafios que elas apresentam, são abençoados e felizes. Uma parte integrante da mensagem da vinda do Messias era a de consolação. O Enviado de Deus é aquele que vem para consolar os que choram (**Is 61.2 e Lc 2.25**). O próprio Jesus chorou sobre a cidade pecaminosa de Jerusalém e lamentou a dureza do coração dos habitantes. O salmista lamentou seu pecado no Salmos 51 e pediu que Deus lhe desse um coração puro e um espírito reto.

Os que choram e lamentam neste espírito recebem de Deus a mensagem rica e plenejada da graça divina, e são consolados. O publicano, aflito com seus pecados e com sua condição de alienação de Deus, batia no peito em sinal de profunda contrição e tristeza. Voltou para casa abençoado e consolado (**Lc 18.9-14**).

Os mansos (v. 5) - Não significa fraqueza ou submissão no sentido de um cavalo amansado ou dominado. Moisés era caracterizado como pessoa mansa (**Nm 12.3**), mas todos sabem, era um líder enérgico e corajoso. Os mansos são aqueles que não dependem da força para conseguir seus objetivos.

Quando os soldados prenderam Jesus, Pedro puxou a espada para tentar resolver a questão na base da força. Jesus mandou meter a espada de novo na bainha. O manso Jesus declarou: "Não beberei o cálice que o meu Pai me deu?"

Enquanto o manso Jesus enfrentava seus perseguidores e a morte horrível da cruz, o "corajoso" Pedro negou três vezes ter qualquer relacionamento com Jesus por medo das autoridades (ver **Jo 18.10-11 e 18.15-18 e 24-27**). Os mansos não são vingativos e só dependem da força do Senhor (**Sl 37.11; Zc 4.6; Rm 12.19; I Pe 2.23**).

Os que têm fome e sede da justiça (v. 6) - Estes desejam acertar, corrigir abusos, defender os direitos dos outros e fazer o correto. Desejam esta justiça com a mesma intensidade com que querem saciar a sede ou

matar a fome. Serão abençoados porque ficarão satisfeitos com a ação final de Deus. Deus quer também esta justiça e concretizará seus propósitos neste sentido. Tais pessoas não são justiceiras no sentido de tomar em suas próprias mãos o papel de Deus.

Elas dependem de Deus e Nele confiam, pois a sua justiça é perfeita. Alimentam a esperança da justiça, mas dependem de Deus para concretizá-la. Não ficam de braços cruzados, passivos. Participam ativamente no trabalho de Deus para realizar esta justiça tão desejada (**Pv 21.21; Sl 17.15; Is 62.2 e Lc 18.7**).

Os misericordiosos (v. 7) - Estes tratam os oprimidos e os indefesos com amor e misericórdia. O Reino pertence àqueles que usam a compaixão e o amor para com os outros (**Lc 10.37; Mt 17.15; Mt 6.14-15; Mt 7.1-2**). Os romanos destestavam a idéia da misericórdia, pois era tida como sinal de fraqueza. Os estóicos poderiam oferecer ajuda, mas friamente e sem compaixão. Os fariseus eram zelosos no cumprimento da lei, mas frígidos demais para demonstrar misericórdia (**Mt 23.23 e Lc 11.41**).

Os limpos de coração (v. 8) - Significa singeleza de objetivos, é buscar uma só coisa. A palavra coração inclui a mente, o pensar e o sentir. Aqueles que tentam fazer a vontade de Deus com singeleza de coração, verão a Deus (**Sl 24.4; Sl 42.2; Sl 73.1; Cl 3.22; Tg 4.8 e Ap 22.4**).

Os pacificadores (v. 9) - Em nosso mundo é mais fácil encontrar pessoas que gostam de agitar, semear confusão, irritar, reabrir cicatrizes de velhas brigas e dificultar os relacionamentos. Jesus disse que o cidadão do Reino é alguém que facilita o relacionamento e que colabora com a paz. Os cidadãos do Reino procuram a paz e se empenham em alcançá-la (**Sl 34.14**). Esta paz é muito mais do que a mera ausência de guerra ou o uso das armas. É o SHALOM que significa harmonia, bem-estar, felicidade, bênçãos, prosperidade, saúde e equilíbrio. **Oséias 1.10** é um texto que fala de um povo que passou a ser chamado filhos de Deus. O pensamento em **Mt 4.44-45** sugere que aqueles que amam os inimigos e os antipáticos se tornam filhos de Deus porque na realidade são pacificadores por excelência.

Os Perseguidos (vv. 10-12) - Nem todos os perseguidos recebem a bênção de Deus. A condição está clara - perseguidos por causa da justiça. O cidadão do Reino é fiel e firme, mesmo sob pressão. Os cristãos podem passar por perseguições e Jesus advertiu que isto aconteceria. Contudo, o cidadão do Reino não desmorona diante das dificuldades. Pelo contrário, utiliza estas experiências para crescer na fé. O cidadão do Reino chega ao ponto de exultar e regozijar nos sofrimentos e nas perseguições, pois mesmo no meio das tribulações já sente a vitória (**I Pe 6-12; Rm 5.3-5; Rm 8.18**).

Para reflexão em grupo

1. Reparta com o grupo qual a bem-aventurança que mais chama a sua atenção. Por que?
2. Compare as bem-aventuranças em Mt 5.1-12 com as bem-aventuranças e os aís que se encontram em Lc 6.20-26. Quais pontos são semelhantes? Quais são diferentes?
3. É comum encontrar as atitudes descritas nas bem-aventuranças em pessoas da nossa sociedade? Era comum no tempo de Jesus?
4. Citar exemplos de pessoas do seu relacionamento que se mostraram humildes de espírito, ou mansas, ou misericordiosas, ou limpas de coração ou pacificadoras na vida diária da nossa sociedade de hoje.



Capítulo IV

Visões do Reino

Os Meus Olhos já Viram a Tua Salvação

Texto Bíblico Fundamental: Lucas 2.25-35

Visões do Reino em tempos difíceis

Simeão, Ana, Maria, José, Isabel e Zacarias tiveram visões do Reino pelos olhos da fé. Ao seu redor, só havia sinais materiais do poderoso império romano. O mundo mediterrâneo estava sob o controle de Roma; a Palestina vivia debaixo do controle do imperador romano e seus governadores escolhidos a dedo para manter o poderio romano e levar o máximo em impostos da terra ocupada para sua própria tesouraria.

Enquanto os demais enxergavam apenas estes sinais de um reinado militar e político, o velho Simeão teve a visão da concretização da salvação do Senhor em benefício de todos os povos.

Tomou o pequeno Jesus nos braços e louvou a Deus pelo sinal concreto deste Reino. Anunciou em fé sua realidade (Lc 2.25-25). Maria, mulher humilde e simples, também teve uma visão deste Reino.

Teria sido mais comum uma mulher judia e da classe pobre ter uma visão de um Reino pertencente aos homens, aos ricos e aos poderosos e fortalecido pelo poderio militar.

Contudo, Maria cantou uma visão completamente diferente. Ela percebeu um reino em que uma mulher humilde e submissa à vontade de Deus poderia chegar a ser considerada bem-aventurada entre as mulheres. O Todo-Poderoso passaria para trás os ocupantes de lugares de destaque no cenário político da época e operaria grandiosamente em sua vida.

O braço forte do Senhor agiria em benefício dos pequenos e dos humildes para derrubar tronos poderosos e dispersar aqueles de pensamentos soberbos. Os famintos no reino receberiam alimento em fartura e os ricos seriam despedidos vazios. Este cântico de Maria é uma poderosa

afirmação de fé. Ela não cantou sobre aquilo que ela sonhava, e sobre aquilo que ela gostaria que acontecesse. Ela cantou sobre uma realidade concreta que ela considerava como fato já consumado (Lc 1.46-55).

José participou nesta visão do Reino. A reação inicial de José perante os eventos é compreensível e humana. Seu primeiro pensamento foi de deixar Maria discretamente. A intervenção divina esclareceu o assunto e José passou a participar da visão de um reino bem diferente de qualquer reinado aqui na terra. Assumiu sua obrigação de proteger e amparar aquele que seria o Salvador (Mt 1.18-25). Ana, a profetisa, compartilhou da visão do Reino. Naquela idade avançada em que quase todas as pessoas idosas olham para trás e repetem as coisas do passado, Ana ficou lá no templo em oração e meditação e, ao ver o menino Jesus, declarou sua fé em Deus e na concretização de tudo que Ele havia prometido ao povo (Lc 2.36-38). Isabel e Zacarias, casal piedoso, também tiveram uma participação marcante nesta visão do Reino. Ambos aceitaram seu papel como pais de João Batista e viram neste menino aquele que iria preparar o caminho para o Enviado de Deus, o Salvador (Lc 1.39-45 e 67-80).

Estes personagens descobriram o que nós poderíamos aprender hoje. O Reino de Deus é algo real, concreto e viável. O poder de Deus está à nossa disposição para realizar a Sua vontade aqui na terra. A profecia dizia que o nome do Enviado de Deus seria Emanuel, que quer dizer, Deus conosco.

Ele está conosco para que seu Reino seja uma realidade entre nós (Mt 1.23 e Is 7.14).

Para reflexão em grupo

1. Como podemos interpretar a frase de Simeão sobre a consolação de Israel? Que consolação era essa? O que tinha acontecido ao povo judeu para deixá-lo desesperado e desconchado? Como pôde a vinda de Jesus trazer consolação e esperança (Lc 2.25)?
2. Se Simeão tivesse visto grandes batalhões de exércitos e muitas armas, teria sido mais fácil reconhecer o fundamento da sua esperança. Todavia, ele tomou nos seus braços uma pequena criança de poucos dias de idade e declarou que estava satisfeito por ter visto a salvação do Senhor. Como se explica isto? Quais os sinais hoje que podemos apontar que comprovam que já vimos a salvação do Senhor?
3. Comentar o texto de Lc 2.34. Como Jesus é alvo de contradições? Em que sentido ele levantou muitos e derrubou muitos?

Um Novo Céu e Uma Nova Terra

Texto Bíblico Fundamental: Apocalipse 21.1-8

A visão escatológica do reino

A palavra **escatologia** refere-se às últimas coisas - os acontecimentos finais. O livro de Apocalipse fala do Reino em termos dos últimos acontecimentos. Porém um evento escatológico não é um evento mágico, que acontece repentinamente; na verdade, o termo grego **escaton** encerra em si também um significado de algo que já está acontecendo e que tem a sua plenitude no final dos tempos. O Reino é assim, algo que já está se realizando, mas que chegará à sua plenitude no final dos tempos. Vamos ver agora qual era a compreensão do Reino no livro do Apocalipse.

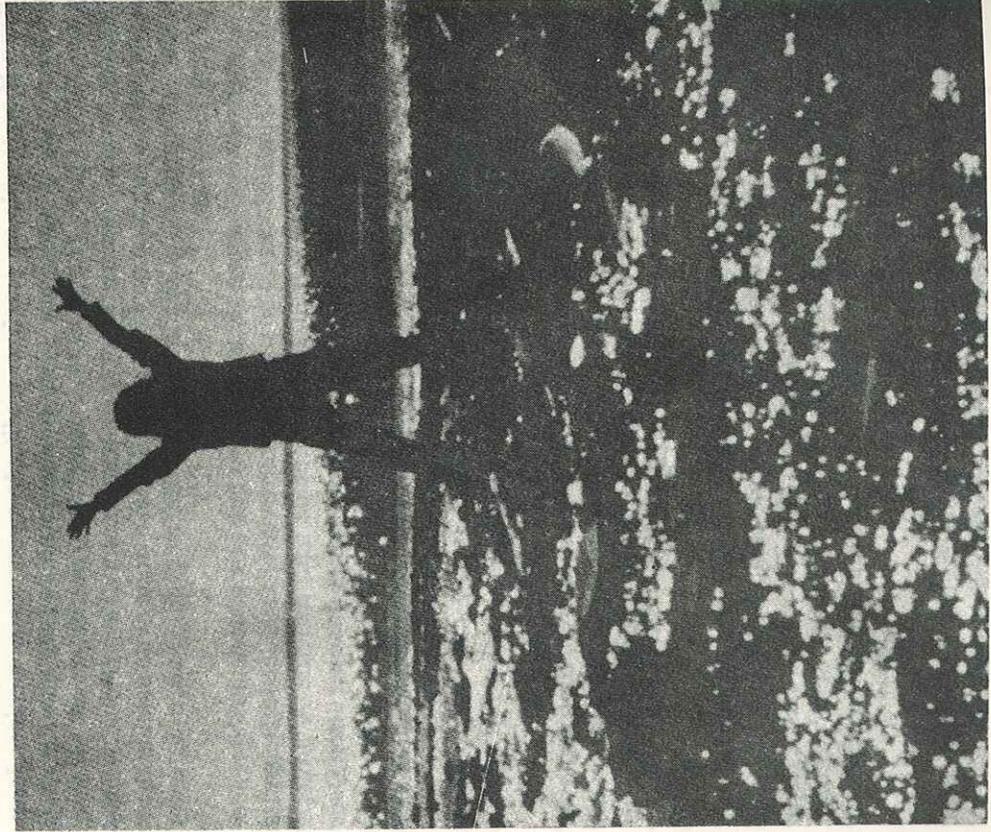
A situação

O livro refere-se à situação em que viviam os cristãos nos anos 90 a 100 d.C. O Império Romano estava no controle do mundo mediterrâneo e a Palestina era um dos países dominados por esta força.

O cristianismo cresceu em influência e se expandiu pelo império graças aos esforços missionários do apóstolo Paulo e outros fiéis. As autoridades romanas eram bem tolerantes a essa nova religião desde que os adeptos não criassem desordem ou não desafiassem a autoridade romana. Mas um fato novo se deu para alterar a situação. Os imperadores romanos se embriagavam com o poder que estava em suas mãos. Não mais se contentavam em exercer a autoridade civil; queriam receber as manifestações de louvor e adoração do povo. Não se contentavam em ser imperadores; queriam ser deuses. Os cidadãos pagãos não tinham qualquer dificuldade em aceitar esta imposição. Era só montar mais um ídolo na coleção da família, acrescentar mais uma oração a um outro deus e o imperador estava instalado junto aos demais deuses que faziam

4. O cântico de Maria (Lc 1.46-55) é uma expressão de fé ou de desespero? É um sonho que representa o desejo de Maria ou é algo que Deus já concretizou? Podemos citar casos de poderosos sendo derrubados de seus tronos nos dias de hoje? Os ricos são despedidos vazios hoje enquanto os famintos são enchidos de bens? Sê acontece, onde? Se não acontece, por que e como fica esta afirmação de fé?

5. Que tipo de esperança gerou o nascimento de Jesus? Todos ficaram satisfeitos ou alguns ficaram decepcionados com Jesus e sua missão aqui na terra?



parte das cerimônias religiosas do povo. Contudo, o assunto não era tão simples para os cristãos. Eles tinham fé em um só Deus. Jesus Cristo era o único Senhor.

O cristão poderia obedecer ao imperador, cumprir todas as obrigações civis e pagar os impostos devidos; mas uma coisa ele nunca poderia fazer - prestar culto ao imperador. A confusão estava armada. Os imperadores começaram a exigir o culto à sua pessoa e os cristãos se negaram. Nero autorizou a primeira perseguição horrível contra os cristãos em 64 na tentativa de forçar a submissão. O imperador Domitiano aumentou esta perseguição no ano 90, torturando e matando os cristãos para que estes mudassem sua posição e prestassem seu culto ao imperador. Nesta situação deplorável, as comunidades cristãs sofriam por sua fé. Muitos foram mortos, outros torturados e encarcerados. Todos sofriam pressões econômicas. Não tinham facilidade em comprar ou vender produtos, perdiam empregos e recebiam pressões de todos os lados.

Para estas comunidades, João mandou sua mensagem de fé e de encorajamento. Ele próprio estava em exílio na ilha de Patmos por causa da sua fé e se identificou como um companheiro e irmão nas tribulações (Ap 1.9). Nesta situação de perseguição e sofrimento, João refletiu acerca do Reino. Sua visão é escatológica, isto é, fala das coisas finais e da vitória certa e definitiva de Deus e da concretização do seu Reino, que já podia ser visto na luta que os cristãos viviam naquele momento. Esta afirmação do Reino era justamente o ânimo e a esperança que precisavam.

Esta mensagem de fé foi enviada aos crentes perseguidos na forma do simbolismo apocalíptico. Alguns destes símbolos são obscuros e difíceis para o entendimento do leitor moderno, mas para aquela época e para os fiéis perseguidos, o simbolismo era bem conhecido e a mensagem era de grande valor. Com esta visão do Reino, os fiéis ganharam coragem para enfrentar as terríveis perseguições.

As mensagens às sete igrejas (Ap 2 e 3)

Estas cidades mencionadas existem e certamente algumas comunidades cristãs se encontraram nestas localidades. Contudo, o número sete é o símbolo de algo completo e podemos deduzir que estas mensagens se dirigiam a todas as comunidades de fiéis nestes tempos de perseguição. As mensagens eram diferentes para cada comunidade, mas o tema era sempre o mesmo: coragem e perseverança. A igreja de Éfeso suportava as provas mas ainda voltaria às origens e redescobriria o seu primeiro amor pela causa de Deus para poder suportar tudo (2.3-5). A palavra à igreja de Esmirna pode ser considerada um pequeno resumo do

livro de Apocalipse: "Sê fiel até a morte e dar-te-ei a coroa da vida" (2.10). Pérgamo estava no centro da perseguição e, em geral, era fiel. Mas alguns caíram no louvor de ídolos e comeram alimentos sacrificados aos falsos deuses. João afirma que Deus alimentará o povo com maná espiritual para lhe dar forças contra a tentação de cair na idolatria (2.13, 17). A comunidade de Tiatira recebeu elogios pela perseverança e suas boas obras. Porém alguns seguiam algumas lideranças que levavam o povo por caminhos errados. Foram seduzidos a praticarem a prostituição e a comerem coisas sacrificadas aos ídolos. O nome de Jezabel descreve estas seduções e a prostituição aqui não se refere somente à licenciosidade sexual, mas ao fato de trair o Deus Verdadeiro e procurar falsos deuses, especialmente a adoração ao imperador (2.20). A mensagem termina com uma promessa aos que guardarem a fé até o fim (2.26). A igreja de Sardes foi desafiada a permanecer firme e vigilante (3.2-4). Poucos tinham conservado a pureza de costumes mas aqueles que andavam em Cristo se destacavam pela vida correta.

O simbolismo era de vestiduras brancas. A comunidade de Filadélfia tinha permanecido fiel. A mensagem era para os fiéis continuarem na perseverança aguardando a vitória final (3.10-12). A mensagem à igreja em Laodicéia falava da necessidade da consagração e dedicação total. Uma fé morna não servia para tempos como estes. Era preciso ter bastante disciplina para ser como ouro refinado pelo fogo (3.15-19).

Diversas visões (Ap 4-22)

Depois das cartas endereçadas às igrejas, o livro de Apocalipse relata uma série de visões sobre vários assuntos. Porém, na diversidade de assuntos, um tema aparece: a vitória final de Deus e seus propósitos. A despeito dos conflitos e perseguições, a fé do apóstolo é de que o reino deste mundo se tornará de nosso Senhor e do seu Cristo e ele reinará para sempre (Ap 11.15).

Os capítulos 4 e 5 falam de visões de adoração à Deus e ao Cordeiro. O povo perseguido pelos poderes romanos na tentativa de forçar todo o mundo a adorar ao imperador, recebe agora a visão de um louvor puro e verdadeiro dirigido ao Deus verdadeiro e ao Cordeiro.

Em seguida, temos sete visões, cada qual com sete visões menores embutidas. As sete visões maiores são: Os sete selos (6.1 a 8.6); as sete trombetas e seus ais (8.7 a 11.19); as sete visões do reino do dragão (12.1 a 13.18); as sete visões dos adoradores do cordeiro e dos adoradores da besta (14.1-20); os sete flagelos (15.1 a 16.21); sete visões da queda da Babilônia (Leia-se o Império Romano) (17.1 - 19.10); Sete visões do fim da era de

Satanás e o início do reinado de Deus (19.11 a 21.8).

O livro de Apocalipse termina com descrições suplementares da Nova Jerusalém, detalhes sobre a cidade e admoestação e promessas finais.

O Grande Final

Em filmes ou peças teatrais dramáticas o autor geralmente procura terminar o espetáculo tentando incorporar todos os aspectos do tema em uma só cena - o grande final. Em certo sentido, o livro de Apocalipse é o grande final no drama da salvação. No início desta série de estudos vimos a Criação como sendo o plano de Deus para tudo e para todos. Existia harmonia, paz e equilíbrio perfeito entre a natureza, a ordem criada, as pessoas entre si e todas em perfeito relacionamento com Deus. Era o plano de Deus. O pecado atrapalhou e várias tentativas foram feitas para restabelecer este reinado de Deus. Jesus veio para realizar o plano da salvação e a redenção de tudo e de todos. Ele mesmo retomou o tema do Reino de Deus e ensinou sobre sua natureza. Seu ensinamento não se limitou às parábolas e às bem-aventuranças e outros discursos proferidos. Ele viveu o Reino. Este Reino tornou-se uma realidade para os fiéis. Após a morte e a ressurreição de Jesus, o cristianismo cresceu e expandiu-se pelo Império Romano, o mundo conhecido da época. Porém, os imperadores romanos começaram a perseguir os cristãos na tentativa de exigir a adoração à pessoa do imperador. No meio destas perseguições sangrentas, João enviou uma mensagem de fé e coragem aos fiéis. No meio do mais temível poderio militar que o mundo conhecia, João apontou para o poder soberano de Deus. No meio de pressões para adorar ao imperador, João exaltou o Cordeiro e declarou que só Ele era digno de louvor. Na presença da horrível besta (o poderio econômico e político de Roma) João viu, pelos olhos da fé, a queda e a destruição deste mal. Tal mensagem era de grande conforto para os fiéis dando-lhes coragem e força para a caminhada.

Assim, a Bíblia termina onde começou - uma nova terra e um novo céu onde há paz, tranquilidade, harmonia e SHALOM. O Reino de Deus é uma realidade. O sonho de Deus expresso na criação é um fato e os reinos deste mundo se transformam no reino do nosso Senhor e Ele reinará para sempre (Ap 11.15).

Para reflexão em grupo

1. Os símbolos para os inimigos do povo eram o dragão, a besta que emerge do mar e a besta que emerge da terra. O poderio militar, político e econômico de Roma eram simbolizados com estas figuras. Por que estes

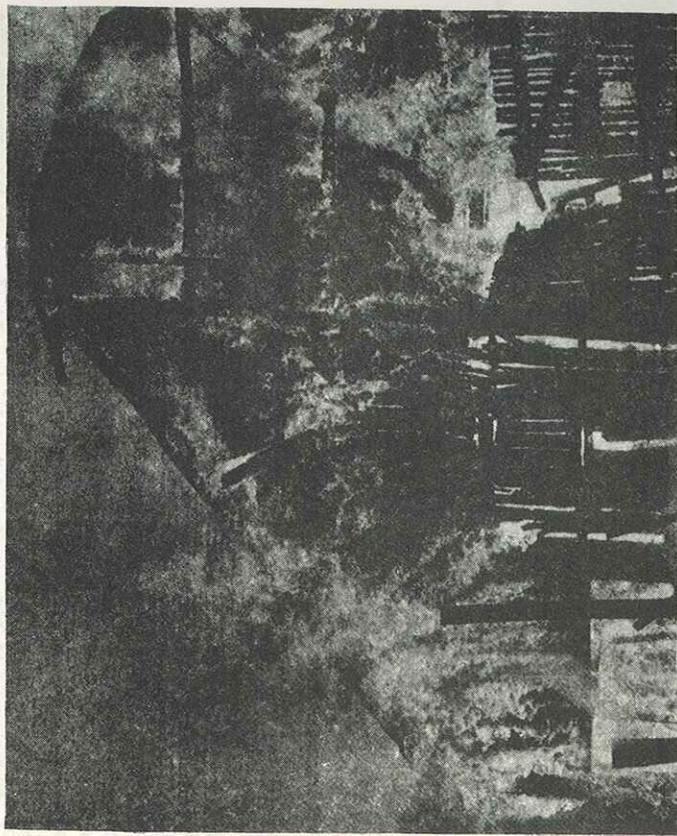
eram inimigos do povo? João estava certo quando viu a queda destes poderosos inimigos? Quais são os inimigos do povo hoje? Temos certeza da derrota destes inimigos? Qual é a certeza?

2. Examinar novamente Ap 21.1-8. O que mais lhes impressiona nesta descrição? Estamos longe ou perto de uma existência assim? Estas palavras descrevem a vida no porvir ou podemos esperar alguma coisa neste sentido aqui e agora? Por que se fala em novo céu e nova terra - por que não se descreve somente um novo céu? Isto significa que algo deve acontecer aqui nesta vida também?

3. Examinar as mensagens às sete igrejas novamente. Qual mensagem serve para nossa igreja local?

4. Se sua congregação local ou seu grupo de estudos sofresse uma perseguição tal como os primeiros cristãos, quantos suportariam as pressões? Como poderíamos enfrentá-las como grupo?

5. Como pode a mensagem do livro de Apocalipse ajudar os fiéis hoje na sua vida espiritual?



LOJA/SHOW ROOM
Av. da Liberdade, 655
01503-001 - São Paulo
Fone: (011) 278-6388



Rua Vigário João de Pontes, 766 - Chácara Flora
CEP 04748-000 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 532-9622/247-5288
FAX: (011) 521-2825